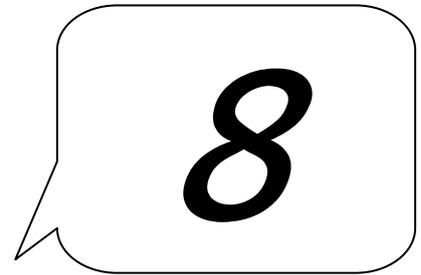
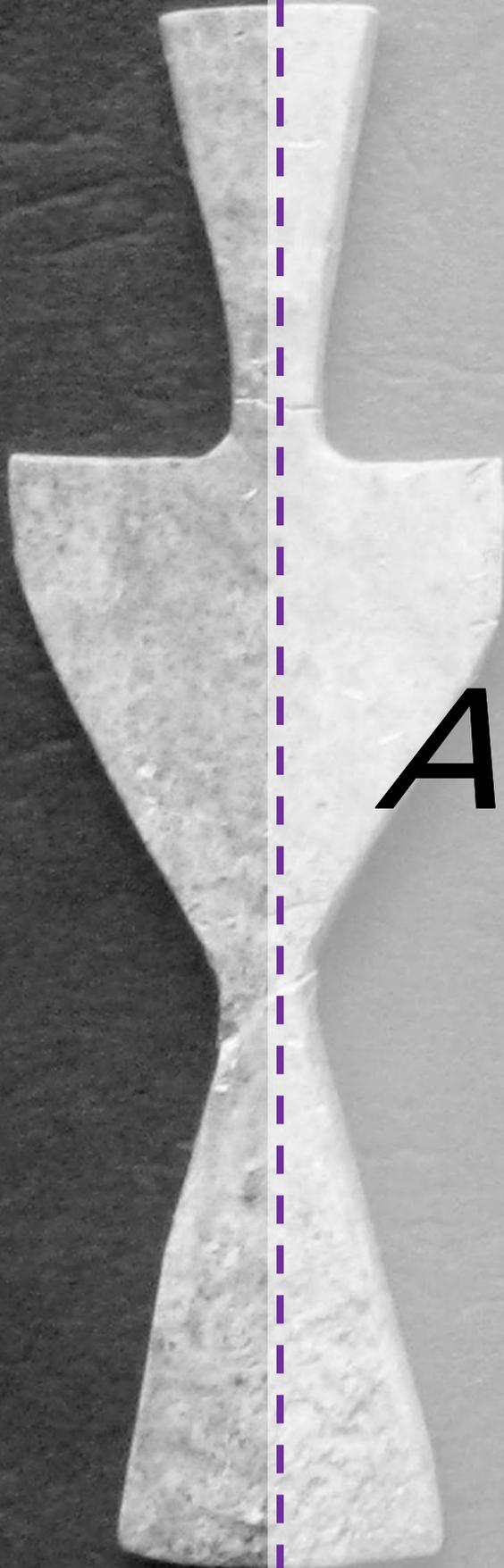


NIÀ

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA



APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

OUT 2012

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **Núcleo de Investigação Arqueológica – NIA**

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Outubro de 2012**

Capa: “Ídolo Almeriense” proveniente dos Perdigões.
(António Valera)

Contactos e envio de originais:

antoniovalera@era-arqueologia.pt

Os originais deverão ter um máximo de dez páginas A4, dactilografadas a um espaço (letra Arial, tamanho 10), incluindo referências bibliográficas. Imagens são entregues à parte, juntamente com resumo em inglês (ou português se a língua do texto for outra – inglês, francês ou castelhano).

Revista online.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.



ÍNDICE

EDITORIAL 05

Helmut Becker e António Carlos Valera
LUZ 20 (MOURÃO, ÉVORA): RESULTADOS
PRELIMINARES DA PROSPEÇÃO GEOFÍSICA
(MAGNETOMETRIA DE CÉSIO) 07

Helmut Becker, António Carlos Valera e Patrícia Castanheira
MONTE DO OLIVAL 1 (FERREIRA DO ALENTEJO, BEJA):
MAGNETOMETRIA DE CÉSIO NUM RECINTO DE FOSSOS
DO 3º MILÉNIO AC. 11

António Carlos Valera
“ÍDOLOS ALMERIENSES” PROVENIENTES DE
CONTEXTOS NEOLÍTICOS DO COMPLEXO
DE RECINTOS DOS PERDIGÕES. 19

António Carlos Valera e Victor Filipe
A NECRÓPOLE DE HIPOGEUS DO NEOLÍTICO FINAL
DO OUTEIRO ALTO 2 (BRINCHES, SERPA) 29

Cláudia Costa e Nelson Cabaço
ASSOCIAÇÃO DE RESTOS DE ANIMAIS VERTEBRADOS
A CONTEXTOS FUNERÁRIOS DA PRÉ-HISTÓRIA
RECENTE: O CASO DO OUTEIRO ALTO 2. 43

Cláudia Cunha
CARACTERIZAÇÃO DA MORFOLOGIA DENTÁRIA NO
MÉDIO GUADIANA NO NEOLÍTICO FINAL-CALCOLÍTICO.
FUNDAMENTAÇÃO PARA O MAPEAMENTO MORFOLÓGICO
DAS POPULAÇÕES LOCAIS NA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE 49

Tiago do Pereiro e Nuno André Coelho Gomes
NOTÍCIA PRELIMINAR SOBRE A DESCOBERTA
DE ARTE RUPESTRE NO VALE DAS BURACAS
(CASMILO, COIMBRA) 57

Rui Ramos e Inês Simão
EIRA VELHA: UMA ESTAÇÃO VIÁRIA ROMANA
NA PERIFERIA DE *CONIMBRIGA* 63



EDITORIAL

Vinte meses depois do último volume (interregno grande para os objetivos que nortearam o aparecimento da revista), a *Apontamentos de Arqueologia e Património* vê editar um novo volume, o oitavo em cinco anos.

Num momento de grandes dificuldades, como é aquele que (quase) todos vivemos, é difícil perceber se a perseverança reflete simplesmente a inconsciência ou a recusa psicológica de um fim inexorável, qual *Crepúsculo dos Deuses*, ou se, pelo contrário, é ainda condição de sobrevivência de um caminho iniciado com objetivos bem definidos.

A consciência do dilema, porém, dota as nossas práticas de intenção. Confere-lhes, de facto, um estatuto de opção e, sobretudo, demonstra o valor que lhes atribuímos, pois as mantemos em tempos de adversidade.

A continuidade da *Apontamentos* reflete, pois, uma postura face ao que é, efetivamente, a razão de ser da Arqueologia: a produção e partilha de conhecimento. Na medida das nossas possibilidades, que terão sempre um contexto, continuaremos a publicar e a proporcionar condições de publicação.

António Carlos Valera

“ÍDOLOS ALMERIENSES” PROVENIENTES DE CONTEXTOS NEOLÍTICOS DO COMPLEXO DE RECINTOS DOS PERDIGÕES

António Carlos Valera¹

Resumo:

No presente texto apresentam-se os contextos de recolha de um conjunto de seis peças que se enquadram tipologicamente nos tradicionalmente designados ídolos almerienses, ou cruciformes. Estes ídolos foram recolhidos em estruturas negativas da área central do complexo de recintos dos Perdigões, no Fosso 12 e sob derrubes do tecto da estrutura designada “Hipogeu 1”, ambos datados pelo radiocarbono da segunda metade do 4º milénio AC, e claramente integrados no Neolítico Final. São discutidas algumas das implicações destes contextos de recolha nas ideias instituídas sobre este tipo de objectos, nomeadamente no que respeita à sua cronologia e contexto social de emergência em território português.

Abstract:

“Almeriense Idols” from Neolithic contexts of the enclosures complex of Perdigões

The present paper presents the contexts of a group of six “almeriense” or “cruciform” idols. These idols were collected in two negative structures in the central area of Perdigões set of ditched enclosures, in Ditch 12 and under the roof fall of “Hypogum 1”, both dated by radiocarbon from the second half of the 4th millennium BC, in clear Late Neolithic contexts. The implications of these contexts for the available discourse on these idols are debated, namely their chronology and social context of appearance.

1. Introdução

Durante a campanha de escavações realizada pelo NIA em 2012 foi recolhido um conjunto de peças na área central do Complexo Arqueológico dos Perdigões, as quais correspondem ao que tradicionalmente se tem designado como ídolos “chatos” ou “almerienses” e que Almagro Gorbea classificou, no seu inventário, como ídolos “cruciformes” (Almagro Gorbea, 1973).

A segura proveniência contextual e as implicações que ela apresenta, tanto para a discussão da cronologia destes artefactos como para a interpretação da natureza e biografia das estruturas em que foram recolhidos, justificam a sua rápida publicação.

O presente texto debruça-se, assim, sobre o conjunto de seis peças, cinco das quais recolhidas no Fosso 12 e a restante na estrutura designada por “Hipogeu” 1, estruturas pertencentes à ocupação do Neolítico Final dos Perdigões e datadas da segunda metade do 4º milénio AC.

2. As peças

Do conjunto de seis peças, todas realizadas sobre finas placas de osso, 4 enquadram-se na variante A definida por Almagro Gorbea para os ídolos que chamou de cruciformes (Almagro Gorbea, 1973), mas que na bibliografia portuguesa têm vindo a ser referidos como “Ídolos Almerienses”.

Tratam-se de peças de configuração antropomórfica tripartida, composta por três zonas genericamente em forma de trapézio (ou quase triângulo), duas com o lado menor para baixo representando a cabeça e o tronco (por vezes com os ombros pontiagudos, sugerindo braços), e a restante representando as pernas. Embora na classificação de Almagro Gorbea sejam enquadradas neste grupo peças com uma morfologia verdadeiramente cruciforme, com uma representação mais evidente de braços horizontalizados, os exemplares recolhidos em Portugal (com exceção do de Trigache) são genericamente mais alongados, cintura não muito pronunciada e apenas com um ligeiro apontar dos ombros (como que insinuando os braços), encontrando paralelos próximos nos monumentos de megalíticos de Huelva. Ainda assim, estas quatro peças dos Perdigões apresentam atributos diferentes entre si e relativamente aos outros ídolos congêneres conhecidos em Portugal e na Andaluzia Ocidental (Figura 1).

¹ Coordenador do NIA, ERA Arqueologia S.A. (antoniovalera@era-arqueologia.pt).

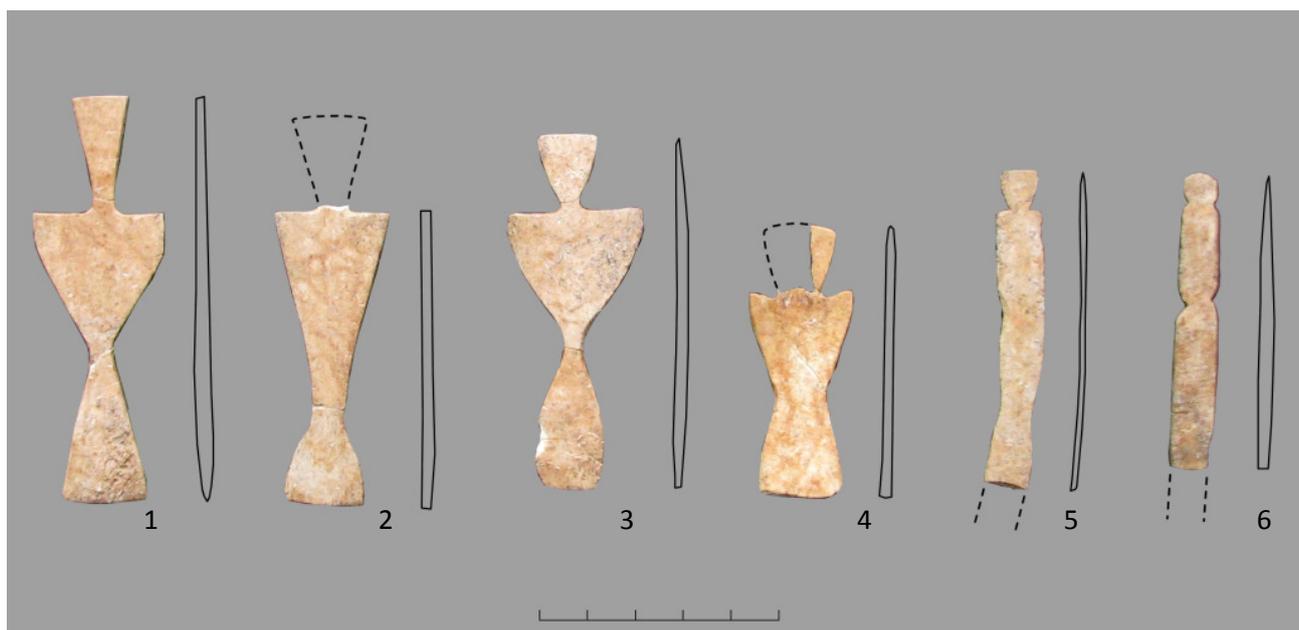


Figura 1 – Ídolos almerienses provenientes dos Perdigões: 1 a 5 recolhidos no fundo do Fosso 12; 6 recolhido no “hipogeu 1”. Esc: 5 cm.

De facto, se a peça 4 se aproxima dos exemplares conhecidos naquelas regiões, com uma cintura relativamente pouco pronunciada e o ligeiro apontar dos ombros para cima, as restantes três apresentam algumas diferenças (dentro de um quadro geral de similitude). As peças 1 e 3 mantêm genericamente a mesma proporção entre tronco e “pernas”, mas revelam uma cintura muito mais delgada e demarcadora, assim como os ombros mais retos, apresentando um tronco praticamente triangular e largo, de lados ligeiramente convexos. Contudo, estas peças diferem entre si no tamanho da cabeça, mais alongado na peça 1, e na morfologia das “pernas”, mais ovalada na peça 3. Já a peça 2, pelo contrário, mantendo os ombros retos e uma cintura delgada, rompe com a proporcionalidade normal nestes objetos, apresentando um tronco longo e esguio e “pernas” reduzidas. Algumas destas características aproximam-se mais de peças congêneres da região epónima que das até agora conhecidas no Ocidente Peninsular.

As duas figuras restantes, embora morfologicamente distintas, podem genericamente ser associadas ao mesmo conceito representado pelo “ídolo Almeriense”, enquadrando-se na variante E de Almagro Gorbea (Almagro Gorbea, 1973: 55; Fig.6 : 12). A peça 5, que apareceu associada às primeiras quatro, apresenta a mesma cabeça trapezoidal, ombros retos, mas um corpo estreito e alongado, com uma ligeira curvatura para o lado direito, não apresentando uma clara diferenciação entre tronco e pernas (embora na parte mais baixa apresente um muito ligeiro estrangulamento).

A peça 6, que é proveniente de um contexto diferente, tem a mesma morfologia estreita e alongada, mas ao contrário da anterior apresenta a cabeça arredondada (pouco comum nos ditos “ídolos almerienses”) e dois entalhes laterais sensivelmente a meio do corpo, que estabelecem a demarcação entre tronco e “pernas”.

Tabela 1 - Medidas (em mm) e estado das peças.

Nº	C	Lmax	E	Estado
1	85	27	3	Inteiro
2	62	23	2	Partido na cabeça
3	73	28	3	Inteiro
4	58	21	2,5	Partido na cabeça
5	62	10	1	Partido na base
6	62	9	3	Partido na base

3. Os contextos de recolha

A intervenção no Sector Q, na zona central do complexo de recintos dos Perdigões, tem vindo a decorrer desde 2009. Aí, foi possível identificar um conjunto de estruturas correspondentes ao Neolítico Final, sucedidas por outras estruturas e depósitos de ocupações Calcolíticas e da transição para a Idade do Bronze (Valera, 2010). Para os efeitos deste texto, restringir-me-ei aos contextos Neolíticos mais interiores (Figura 2).

De a cordo com os contextos intervencionados e datações de radiocarbono de momento disponíveis (Valera, Silva e Márquez Romero, *no prelo*), durante a segunda metade do 4º milénio AC foi construído e preenchido o Fosso 6 (com 3 metros de largura e 2 de profundidade), que define o recinto mais interior do complexo. Pelo interior deste fosso, e a menos de um metro, existem dois outros fossos paralelos, mais pequenos e separados entre si também por um espaço na ordem do metro. Um deles (Fosso 5) já era bem visível no magnetograma da prospeção geofísica (Valera *et al.*, *no prelo*; Márquez Romero *et al.*, 2011), tendo sido interpretado como possível infraestrutura de implantação de uma paliçada. Durante a campanha de 2012, tanto na Sondagem 1 como na Sondagem 2 do Sector Q, foi identificado um outro pequeno fosso (Fosso 12) entre os dois anteriores, o qual também já poderia ser entrevisto no magnetograma, ainda que de forma mais discreta.

Na Sondagem 1, pelo exterior Oeste do Fosso 6 foram identificadas várias estruturas tipo fossa e uma sanja semicircular também datadas do Neolítico Final, assim como uma estrutura designada pela sua morfologia como Hipogeu 1 (embora até ao momento não tenha revelado evidências de contextos funerários).

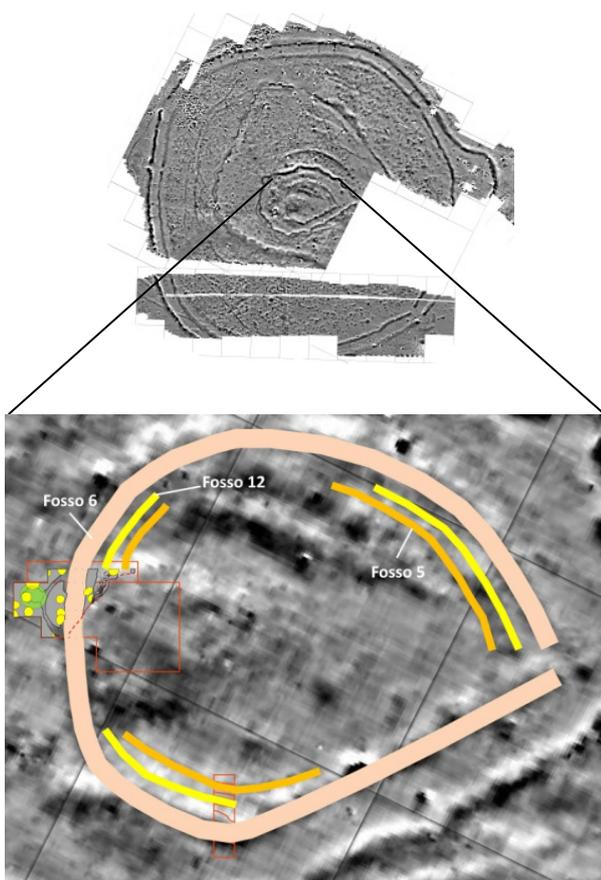


Figura 2 – Localização das estruturas neolíticas referidas no texto, implantadas num excerto do magnetograma dos Perdígões.

Igualmente do Neolítico Final (datação por enquanto relativa) é o Fosso 8, que se desenvolve de forma concêntrica ao Fosso 6.

Cinco das peças (nºs 1 a 5 da Figura 1) a que se reporta este texto foram recolhidas no Fosso 12 (troço escavado na Sondagem 1) e uma (nº 6 da Figura 1) na estrutura designada por Hipogeu 1.

3.1. O Fosso 12

Durante a campanha de 2012 o Fosso 12 foi intervencionado na Sondagem 1 e na Sondagem 2 do Sector Q (Figura 2). É interessante verificar uma diferença nas dimensões do fosso entre as duas áreas, mas sobretudo registar a significativa diferença do tipo de preenchimento observado.

Na Sondagem 2, a área sondada do Fosso 12 revela uma estrutura de perfil em “U” com 1,15m de largura e 0,55m de profundidade. O preenchimento revelou três depósitos que colmatavam o topo do fosso, sendo o restante enchimento feito por areão de geológico, incorporando material arqueológico e alguns grandes blocos de pedra que poderiam ter servido de calços de grandes postes.

Já na Sondagem 1 o Fosso 12, revelando um perfil igualmente em “U” com uma largura de 1,5m e uma profundidade de 1m, apresentava um preenchimento muito distinto (Figura 4). Na base, um depósito de base castanho escuro, húmido e com pouca pedra (UE250) e alguma cerâmica e fauna, que se sobrepunha na extremidade Sudoeste da área sondada a um restrito depósito mais arenoso (UE251). O depósito UE250 foi depois coberto parcialmente, do lado Este, por areão de geológico como resultado de uma erosão parcial da parede do fosso nesse lado. Por cima do areão desenvolveu-se um outro depósito (UE248) que se distinguiu pela grande concentração horizontal de pequenas pedras e por uma maior densidade de fragmentos cerâmicos e fauna. Seguiu-se um novo fino depósito de areão resultante de nova erosão da mesma parede do fosso, sobre o qual foram colocadas grandes pedras, distribuídas de forma subcircular e envolvidas por um depósito argilo-arenoso (UE239), igualmente com fragmentos cerâmicos, fauna e alguma pedra miúda. Este depósito, cujo topo se encontrava a cerca de 20 cm da boca do fosso, foi depois coberto por um sedimento argiloso que concentrava uma grande quantidade de pequenos calhaus distribuídos longitudinalmente ao longo do fosso (UE229). Finalmente, e após um novo fino depósito argiloso (UE212), o topo do fosso foi preenchido com uma deposição alongada e estruturada (UE137) de largas dezenas de fragmentos cerâmicos que o selaram (Figura 3).

Esta estratigrafia revela uma alternância de depósitos de formação antrópica intencional com momentos de erosão naturais, mas onde ganham particular relevância os últimos depósitos, que evidenciam deposições claramente estruturadas, primeiro de pedras miúdas (que parecem repetir o observado mais abaixo na UE 248) e depois de fragmentos cerâmicos, no que parece ser uma ação de deliberado encerramento final do fosso.

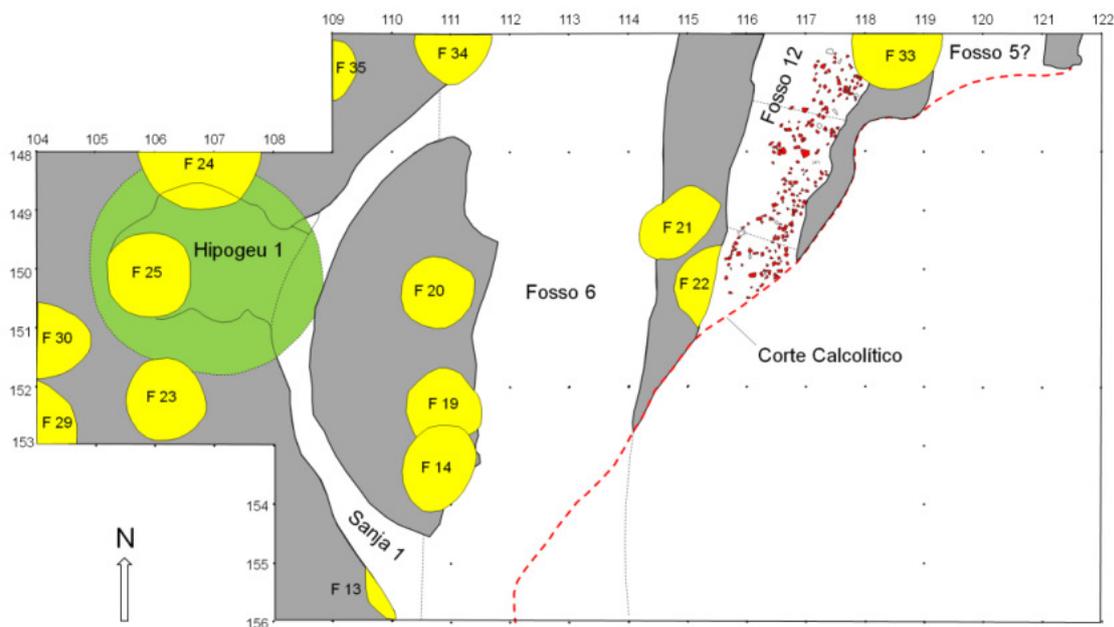


Figura 3 – Contextos Neolíticos no Sector Q, Sondagem 1 (fossos 21, 24 e 25 são calcolíticos). No Fosso 12 está representada a mancha de fragmentos de cerâmica (UE137) que encerrava o enchimento.

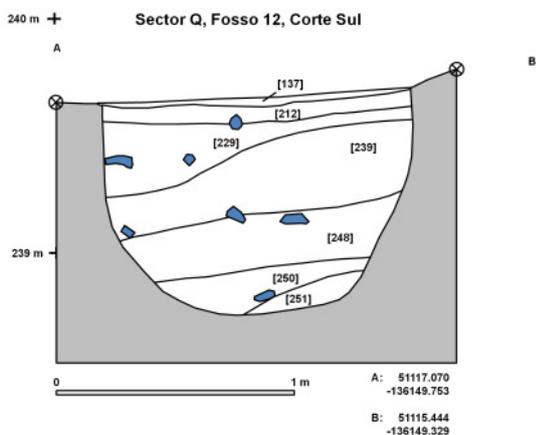
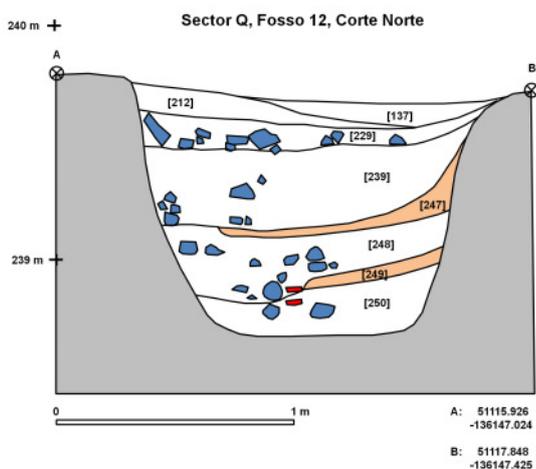


Figura 4 – Cortes estratigráficos do Fosso 12 na Sondagem 1.

Naturalmente, esta sequência, sobretudo se confrontada com a registada no mesmo fosso, mas na Sondagem 2, permite questionar a sua funcionalidade como infraestrutura de uma paliçada. Pelo menos, a ter existido uma paliçada (como poderá sugerir o troço escavado da Sondagem 2), implica um conjunto de ações deliberadas realizadas após a remoção dessa mesma paliçada, as quais passam pelo preenchimento intencional de partes do fosso.

E entre essas ações conta-se, precisamente, a deposição concentrada dos cinco ídolos almerienses, os quais estavam integrados no depósito de base (UE250) e a escassos 3 centímetros do fundo do fosso (Figuras 7 e 8), pelo que a sua deposição, claramente intencional, marca praticamente o início da colmatação do mesmo. Esta situação, a colocação de peças de inequívoca carga simbólica no fundo de fossos, como que marcando o início da sua colmatação, foi registada noutros fossos dos Perdigões de cronologias mais recentes, sugerindo que esta seria uma prática com larga expressão cronológica.

Relativamente ao material registado na área escavada do Fosso 12 na Sondagem 1, este é composto por grande quantidade de restos faunísticos, de fragmentos cerâmicos e uma abundante indústria lítica em quartzo.

As cerâmicas são claramente dominadas pelos recipientes esféricos e globulares com ou sem pegs mamilares, seguidos por algumas taças simples ou fechadas, taças hemisféricas e tigelas (por vezes também com pegs mamilares). As taças carenadas são raras e ocorrem sobretudo no depósito de colmatação final (UE137). Existe apenas um bordo de um prato simples, no topo da sequência estratigráfica. Note-se a total ausência de pesos de tear.

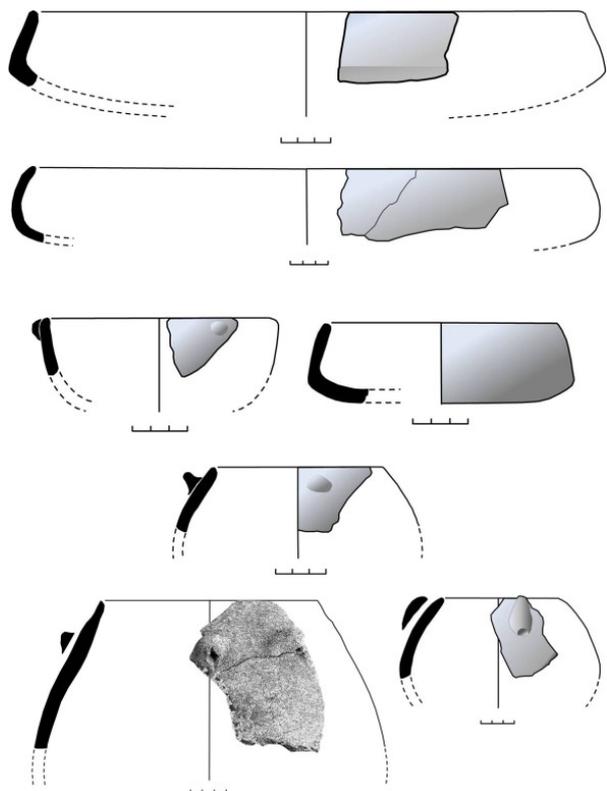


Figura 5 – Cerâmicas do Fosso 12 (Esc. 3 cm).

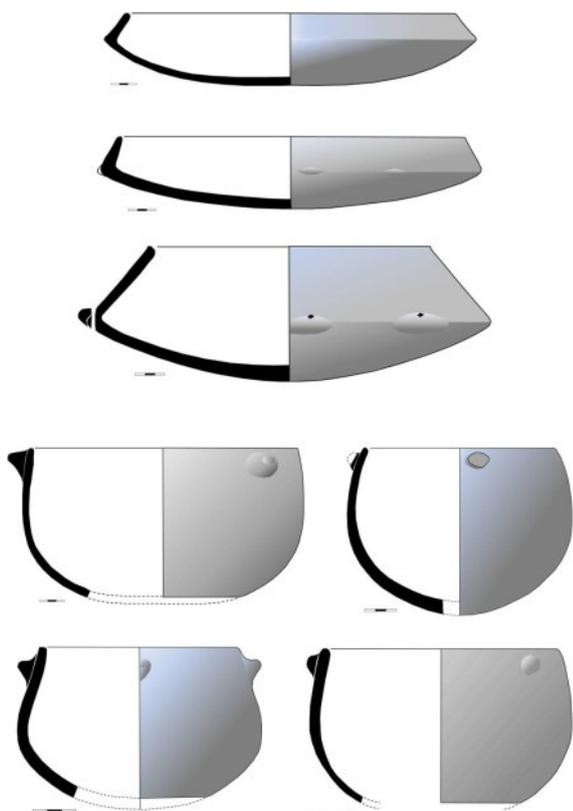


Figura 6 – Cerâmicas do “Hipogeu” 1. Níveis posteriores ao da recolha do ídolo (Esc. 3 cm).



Figura 7 – Vista dos ídolos na base do Fosso 12.



Figura 8 – Pormenor de dois dos ídolos *in situ* a poucos centímetros da base do fosso (visível à direita). O fragmento de osso de funa junto aos ídolos foi a amostra datada (Beta-4530±40 BP).

Na indústria lítica, predomina claramente o quartzo. Trata-se de uma indústria essencialmente orientada para a produção de lascas (cerca de nove dezenas), existindo alguns produtos alongados. Estão presentes núcleos, tanto para extração de lascas como de lamelas, assim como percutores esféricos. Sem ser em quartzo registaram-se algumas lascas de quartzito e três segmentos de lâminas em sílex.

3.2. O Hipogeu 1

Trata-se de uma estrutura circular escavada na rocha, com 4m de diâmetro na base e 1,8m de altura estimada, localizada 2,5m a Oeste do Fosso 6 (e cortada pela Sanja 1). Não foi ainda integralmente escavada, faltando intervir cerca de um metro de depósitos de pouco menos da metade norte.

Esta estrutura seria totalmente subterrânea (o que implicaria uma entrada lateral ainda não identificada e que teria que estar a norte) ou teria uma entrada tipo *coelheira*, mas de dimensões muito reduzidas. Estas observações decorrem da curvatura de fecho das paredes e do registo do abatimento de uma significativa parte do teto no centro da estrutura.

Assim, a complexa estratigrafia observada apresenta depósitos iniciais no centro da estrutura, seguidos por depósitos cónicos de areão e blocos de geológicos igualmente centrais e que resultam do abatimento do teto, misturados com sedimentos argilosos. Sobre estes depósitos regista-se uma deposição estruturada de pedras e fragmentos de cerâmicas (sobretudo taças carenadas), frequentemente correspondendo a metades de peças. Esta deposição é feita ao longo das paredes da estrutura, aproveitado a zona de encaixe junto às paredes criada pela configuração cônica dos depósitos centrais. Posteriormente, estruturas feitas em argila terão sido responsáveis por níveis muito argilosos e com grandes fragmentos de argila cozida e abundantes carvões, a que se sucedem depósitos que colmatam o topo da estrutura, com deposições de metades de recipientes cerâmicos (taças carenadas e potes mamilados) e a construção de uma estrutura de combustão com argila e blocos de pedra, cobertos por novo depósito de areão de geológico. Abundante fauna foi registada por toda a sequência estratigráfica.

Na base de um dos depósitos que mistura sedimentos com areão e blocos de geológico do abatimento da cúpula (UE236) foi recolhido o restante ídolo abordado neste texto.

Quanto aos materiais, para o Hipogeu 1 temos um aparelho cerâmico dominado claramente por taças carenadas e recipientes globulares mamilados, frequentemente metades de recipientes e total ausência de pratos e de outros materiais característicos de contextos posteriores ao Neolítico Final. A indústria lítica revela a presença de segmentos de pequenas lâminas retocadas, pequenas pontas de seta e núcleos e lamelas de quartzo hialino.

4. Cronologia absoluta dos contextos de recolha

Para ambos os contextos dispomos de uma clara concordância entre os conjuntos artefactuais e datações de radiocarbono, quer tomadas individualmente, quer enquadradas pelo espectro cronológico que tem vindo a ser construído para os contextos Neolíticos dos Perdígões.

No “Hipogeu” 1 dispomos, por agora, de apenas uma datação, realizada sobre um osso de fauna proveniente de um dos depósitos do topo da estrutura (Beta-304757-4390±30 - 3090-2910 cal AC 2σ), marcando uma situação de *terminus ante quem* relativamente ao contexto de deposição do ídolo ali recolhido. Tratam-se de depósitos que se sobrepõem ao abatimento de parte da cúpula, estando a peça imediatamente sob este. Esta data apresenta um intervalo calibrado a 2σ que corresponde ao limite terminal das datações para vários contextos neolíticos obtidas nos Perdígões, as quais abarcam o intervalo 3360-2900 (Valera, Silva e Márquez Romero, *no prelo*).

Relativamente ao Fosso 12, dispomos igualmente de uma datação de radiocarbono, realizada sobre um osso de fauna depositado a escassos centímetros do conjunto de ídolos, no fundo do fosso (Figura 8). A data obtida é Beta-330092 4530±40 BP, com intervalo calibrado a 2σ de 3360-3090 AC, a qual é praticamente idêntica às obtidas para a base do Fosso 6 e Sanja 1. Em conjunto, a coerência dos contextos e das datações absolutas obtidas colocam inequivocamente estes materiais num momento do Neolítico Final, integrável na segunda metade do 4º milénio AC.

5. Discussão

A presença de ídolos almerienses era há muito conhecida em território nacional (Figura 7), mas o seu número é, ainda assim, relativamente reduzido. A apenas 13 kms dos Perdígões, na Anta 1 do Olival da Pena, foi recolhido o único exemplar (em xisto) até agora conhecido no Alentejo (Leisner e Leisner, 1985). Na Estremadura, onde se regista a maior concentração de contextos com estas peças, elas são conhecidas na Lapa do Bugio (um exemplar completo e possivelmente um fragmento de outro – Cardoso, 1992), nos dólmenes de Monte Abraão e Casalinhos (Leisner, 1965) e no depósito funerário da Samarra (*idem*), todos em osso. Embora tipologicamente algo diferente, podemos igualmente considerar neste conjunto o cruciforme de Trigache (*ibidem*). Comum a todas estas peças é o contexto funerário, seja em gruta ou monumento megalítico.

A estas estatuetas junta-se, porém, um conjunto de representações gravadas ou pintadas, que alargam as formas de reprodução e a área de distribuição deste elemento iconográfico em território nacional: da Lapa do Bugio (Gonçalves, 1970; Cardoso, 1992) temos a placa de xisto com a representação do ídolo com braços, a placa de xisto com o friso de quatro ídolos e um pequeno pendente com uma representação irregular que poderá ser igualmente associada ao ídolo almeriense (Figura 8: 1 a 3). Estas representações em placas de xisto, utilizando a conjugação dos tradicionais triângulos (preenchidos ou não) tão característicos de muitas das composições geométricas que estes objetos apresentam, podem igualmente ser percebidas nas placas da Cova da Moura (Gonçalves, 1995) da Anta 2 da Mitra, em Évora (Gonçalves, 2004), Anta 1 do Paço do Aragão ou numa placa de Mértola (Gonçalves, 2006). De igual forma, a mesma representação ocorre no esteio C1 da Anta de Pedralta, em Viseu (Shee Towhig, 1981), onde, numa composição pintada a vermelho e preto, surge um friso no topo do esteio com duas figuras que apresentam a morfologia típica do ídolo almeriense (Figura 8: 4). Uma vez mais estamos perante figurações que surgem em contextos funerários de gruta ou megalíticos.

Tradicionalmente, e como o próprio nome adotado em Portugal indica (em Espanha continua a utilizar-se com frequência a designação de “cruciformes”), estas peças são perspectivadas como uma influência andaluza, de matriz mediterrânica, no Ocidente Peninsular, considerando-se o ídolo do Olival da Pega 1 como uma evidência das ligações e intermediações do interior alentejano com a Península de Lisboa (Leisner e Leisner, 1985; Gonçalves, 1992).

Neste contexto de interação transregional, a presença de vários ídolos almerienses no megalitismo de Huelva ganha, pela proximidade à região de Reguengos de Monsaraz, particular relevo. De facto, na região do Andévalo Oriental, estas peças surgem em Los Gabrielos 6 e, sobretudo, em vários monumentos do conjunto de Pozuelo, concretamente em Pozuelo 1, 3, 4, 7 e 13 (Piñón Varela, 2004, Fig.201, p.216), onde apresentam morfologias por vezes muito próximas de algumas das peças agora registadas nos Perdigões (Figura 7: 6).

Intensificando a presença destes elementos iconográficos na área de Reguengos, o conjunto de estatuetas dos Perdigões parece reforçar o papel da região como “corredor” de ligação interior entre a Andaluzia e Estremadura portuguesa, como tem vindo a ser sublinhado por vários autores.

Esta circunstância aclara o papel que o recinto dos Perdigões terá tido nessa dinâmica de circulação, logo desde os seus momentos iniciais na segunda metade do 4º milénio AC e que viria a reforçar ao longo do 3º: um centro catalisador do povoamento local, através do qual as diferentes comunidades estariam em interação com o exterior mais ou menos distante.

Por outro lado, a presença deste conjunto de ídolos nos Perdigões ganha particular relevo pela sua inequívoca contextualização em estruturas e depósitos não funerários pertencentes ao Neolítico Final, claramente integrados na 2ª metade do 4º milénio AC.

Na realidade, todos os exemplares de ídolos almerienses com contexto referenciado até agora conhecidos no Sudoeste Peninsular e Estremadura, assim com as suas representações gravadas e pintadas (estas últimas estendendo-se ao Centro Norte do país), apresentavam uma proveniência comum: contexto funerário em gruta ou monumento megalítico.

Pelo contrário, as peças dos Perdigões parecem apresentar outra natureza contextual, pois em nenhuma das duas estruturas de proveniência das peças foram registadas deposições funerárias. Porém, duas circunstâncias devem ser tidas em conta: primeiro, a estrutura designada por “Hipogeu 1” ainda não foi integralmente escavada, faltando intervir cerca de metade da sua área; segundo, os Perdigões apresentam vários contextos funerários ao longo de toda a cronologia, pelo que, de facto, a dicotomia funerário / não funerário aplicada ao sítio como um todo encontra neste contexto dificuldades de operacionalidade.

Mas, de facto, pelo menos para o conjunto proveniente do Fosso 12, a sua utilização parece afastada de qualquer contexto funerário concreto, sendo antes relacionável com um momento que marca o início da colmatação do referido fosso naquele troço. Poderemos estar, assim, perante uma ação ritualizada de consagração que dá início a uma sequência de deposições, as quais terminam com uma “língua” de fragmentos cerâmicos que se estende ao longo do último preenchimento desta estrutura, abrangendo todo o comprimento em que foi intervencionada no Sector Q.

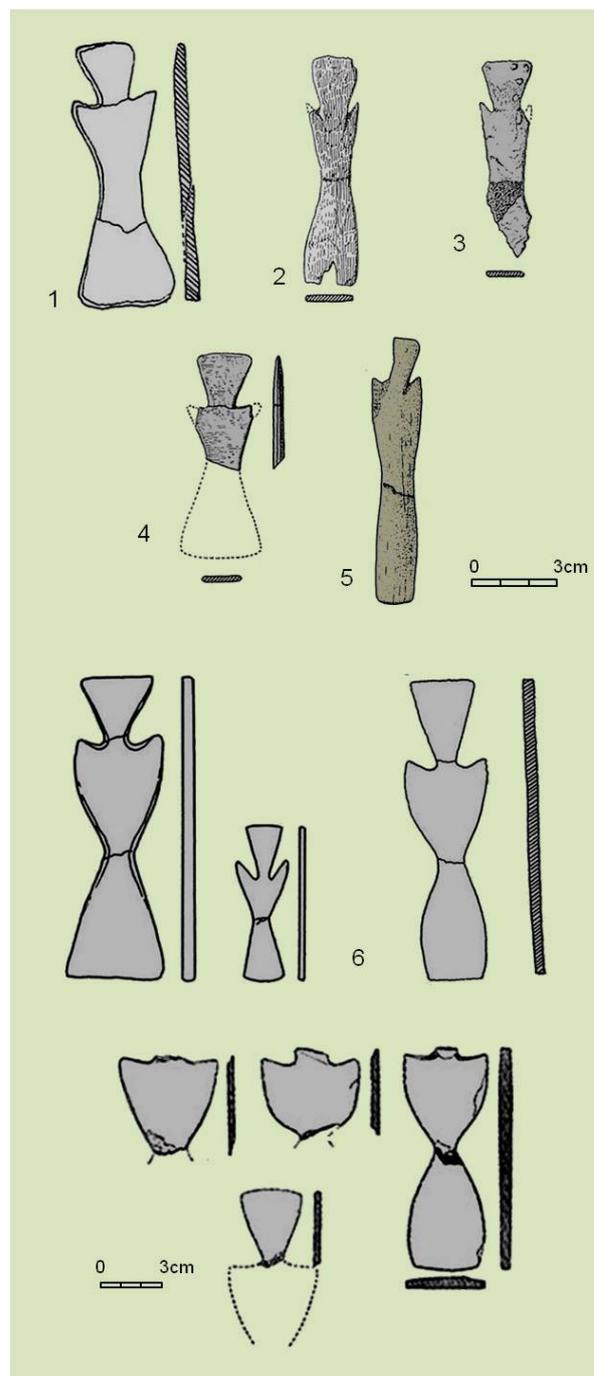


Figura 7 – Ídolos Almerienses provenientes do Sudoeste Peninsular e Estremadura. 1. Anta Grande do Olival da Pega (a partir de Leisner e Leisner, 1985); 2. Samarra; 3. Monte Abraão; 4. Casainhos (a partir de Leisner, 1965); 5. Lapa do Bugio (a partir de Cardoso, 1992); 6. Monumentos de Pozuelo (Huelva): 1, 3, 4 e 7 (a partir de Gerdan, Leisner e Leisner, 1952).

Esta prática ainda ocorre, quase um milénio mais tarde, nos Perdigões. No Fosso 1, cujo início do preenchimento está datado do terceiro quartel do 3º milénio AC (Valera, Silva e Márquez Romero, *no prelo*). Na intervenção realizada junto à Porta NE, foi recuperado no fundo do fosso, associado à deposição de uma taça inteira e restos faunísticos e uma figura antropomórfica em xisto (Mata, *et al.*, 2011).

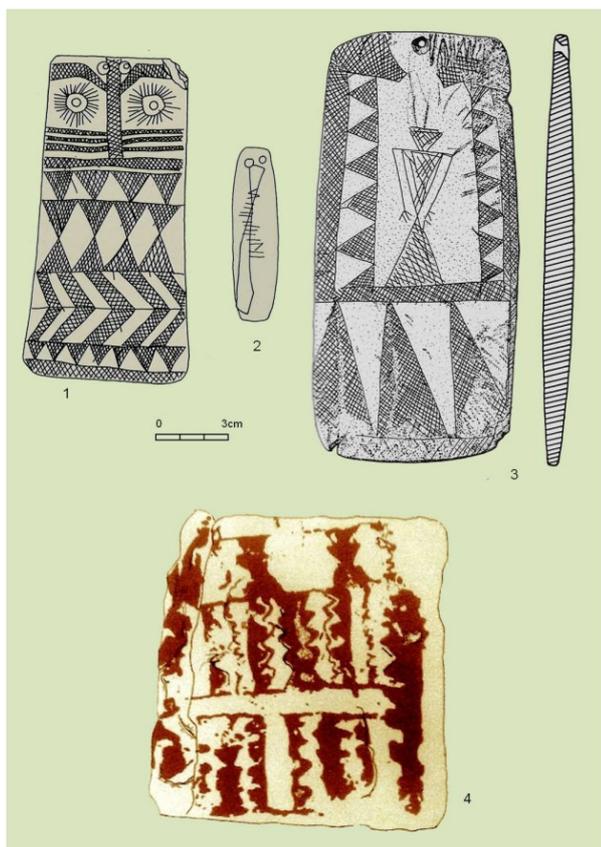


Figura 8 – Representações gravadas e pintadas de Ídolos Almerienes. 1. a 3. Placas de xisto e eventual pendente provenientes da Lapa do Bugio (a partir de Cardoso, 1992); 4. Esteio C1 pintado da Anta de Pedralta, Viseu (a partir de Shee Towhig, 1981) .

Estas circunstâncias contextuais reforçam a ideia de que o preenchimento destas estruturas era, frequentemente, objeto de marcada intencionalidade, a qual obedeceria a determinadas prescrições e procedimentos de relevância ideológica e forte carga simbólica.

Mas talvez mais interessante que a própria natureza do contexto de utilização é a sua cronologia, bem dentro da segunda metade do 4º milénio AC, a qual terá implicações para algumas propostas que têm sido avançadas relativamente a estas peças.

Apesar do relativamente alargado número de sítios em que os ídolos almerienes ocorrem na Estremadura e no Sudoeste Peninsular, o seu enquadramento contextual é sempre pouco claro, nomeadamente face às reutilizações que os respetivos contextos funerários exibem. Assim, as considerações cronológicas que lhe são referentes têm sido sustentadas em seriações realizadas nos conjuntos artefactuais, selecionando o que se considera corresponder ao Neolítico do que se atribui ao Calcolítico, sem que isso tenha um suporte estratigráfico e contextual seguro. Um problema bem colocado por Victor Gonçalves, quando refere a “Bela ambição, um pouco excessiva, claro, essa de pretender isolar “conjuntos” ou “associações” em materiais provenientes de contextos tão profundamente afectados que

se torna quase impossível entendê-los de forma organizada sem que haja recurso a outras realidades (...)” (Gonçalves, 1992: 132).

Esta consciência levou o mesmo autor, referindo-se ao ídolo da anta 1 do Olival da Pega, a considerar que “(...) os contextos conhecidos para o Ídolo Almeriense em Portugal não invalidam a possibilidade de ele se encontrar efectivamente ligado aos primeiros enterramentos de OP1. Se estas designações tivessem algum valor, então o monumento teria sido mais provavelmente construído durante o Neolítico “final” que no Calcolítico, ainda que continuasse a uso neste último período” (Gonçalves, 1992: 91)

Isso, contudo, não impediu que afirmasse que “(...) esse conjunto – o ídolo “chato”, os alfinetes de cabeça postíça e os logomorfos – poderá ser já calcolítico (...)” (Gonçalves, 1992: 132).

Catorze anos depois a vinculação calcolítica do ídolo almeriense é assumida de forma mais clara e inequívoca:

“A emergência da representação do Jovem Deus está assim conectada à progressão dos arqueometalurgistas para Ocidente e à absorção de componentes do seu complexo mágico religioso pela população indígena, que usava as placas de xisto gravadas nas suas práticas funerárias. Se as placas de xisto gravadas originais integram um subsistema que é gerado no Alentejo Central, mas que se difunde pelo Centro e Sul de Portugal, a inclusão do “ídolo almeriense” traduz, desde a Península de Lisboa até à Andaluzia, a dinâmica e a mobilidade renovadas das sociedades camponesas de segunda fase, as que estão claramente associadas às comunidades de arqueometalurgistas do cobre.” (Gonçalves, 2006: 203).

Contudo, a ideia de que a emergência da metalurgia do cobre corresponde, no Sul de Portugal, a uma movimentação populacional que é geradora de um novo sistema social e ideológico encontra dificuldades face às evidências empíricas, progressivamente mais numerosas, que claramente demonstram uma continuidade em termos de dinâmica social global entre o tradicionalmente designado Neolítico Final e o Calcolítico, à qual se vão reunindo em determinados momentos algumas inovações tecnológicas, arquitetónicas e iconográficas, que catalisam mudanças em curso, mas não as originam.

De facto, a própria dinâmica evolutiva do complexo de recintos dos Perdigões demonstra a manutenção de uma lógica arquitetónica, de implantação e articulação com a paisagem (terrestre e celeste) que, iniciada em pleno Neolítico Final (sem metalurgistas e sem metais), se prolonga pelo 3º milénio AC.

A natureza contextual dos ídolos almerieneses agora registados nos Perdigões demonstra que estas peças estão presentes no interior Alentejano na segunda metade do 4º milénio AC, claramente antes do aparecimento dos primeiros metais e de evidências de metalurgia na região. Trata-se de

uma *décalage* que já havia igualmente sido estabelecida para uma outra presumida associação, entre muralhas e metalurgia, com as primeiras fases de recintos muralhados a não apresentarem evidências de metais ou da sua produção.

Esta circunstância significa que os complexos ideológicos em que os designados ídolos almerienses operam já estão presentes na região na transição do terceiro para o último quartel do 4º milénio AC, numa altura em que se constroem recintos de fossos, se tumula em dólmenes, fossas e hipogeus, mas aparentemente ainda não se constroem recintos muralhados e seguramente não se utilizam artefactos metálicos nem se domina a metalurgia. Será mesmo essa antiguidade que poderá ajudar a explicar o aparecimento das suas representações em algumas placas de xisto.

O que quer que signifiquem ou representem os ídolos almerienses, assunto em que não me deterei neste texto, o seu contexto ideológico e cosmogónico está instituído no interior do Alentejo central antes do Calcolítico, mas por ele se prolonga até ao seu colapso durante o último quartel do 3º milénio AC. Como escrevi noutra local, não é ao Neolítico Final, mas ao que designamos por Calcolítico Final que corresponde o verdadeiro ocaso de uma “visão do mundo neolítica” e das dinâmicas sociais que lhe estavam associadas. Nesse sentido, o que tradicionalmente designamos por Neolítico Final e Calcolítico aparece-nos reunido num mesmo momento de “homogeneidade histórica” (Aróstegui, 1995; Valera 2000), que acolhe, naturalmente, arritmias temporais nos diferentes subsistemas que queiramos considerar.

Voltando agora aos problemas contextuais dos ídolos almerienses presentes em contextos funerários portugueses, a situação registada nos Perdígões demonstra que muitos desses ídolos podem de facto estar relacionados com as ocupações neolíticas que nesses sítios se registam, deixando de ser um imperativo a sua atribuição às ocupações calcolíticas nas tentativas de seriação que fazemos. Antes pelo contrário, o que nos falta agora a Ocidente é a sua inequívoca referência em contextos do 3º milénio AC.

Essa poderá ser a situação de alguns dos contextos do megalitismo de Huelva, nomeadamente no monumento de Puerto de Huertos. Aí, o ídolo almeriense aparece associado no átrio a pratos de bordo espessado, pontas de seta, lâminas, geométricos, machados, enxós e contas de colar em “pedra verde”, estando a ocupação do monumento datada de 2862-2447 e 2770-2293 cal AC a 2σ (Linares Catela e Garcia Sanjuán, 2010). Em Los Gabrielos 6, Pozuelo 3, Pozuelo 13, ocorrem juntamente com pontas de seta, geométricos trapézios, machados, enxós e cerâmicas, entre as quais pratos de bordo espessado. De momento, para o megalitismo do Andévalo Oriental, apenas existe um monumento datado da segunda metade do 4º / início do 3º milénio AC. Trata-se do sepulcro de Casullo, com uma datação de 3332-2909 cal AC a 2σ , no qual não se recuperou qualquer ídolo tipo almeriense, mas se registou a presença de um ídolo Tolva (*idem*). Assim, com os dados

atualmente disponíveis, a presença de ídolos almerienses no megalitismo de Huelva parece ocorrer em contextos atribuíveis ao 3º milénio, o que deixa a região de Reguengos, que supostamente servirá de plataforma giratória para a chegada à fachada ocidental destas influências andaluzas, com o contexto mais antigo conhecido para estes ídolos no Sudoeste Peninsular. Será, muito provavelmente, apenas uma circunstância relacionada com os estádios de investigação (nomeadamente com o reduzido número de monumentos megalíticos com estas peças datados na Andaluzia Ocidental). O espectável é, se estas peças correspondem ao fluxo de uma ideia com a trajetória de Este para Oeste, que surjam em contextos mais antigos na Andaluzia ocidental. Se assim não for...

Referências Bibliográficas

- ALMAGRO GORBEA, M^a José (1973), *Los Idolos del Bronce I Hispano*, Bibliotheca Praehistorica Hispana, Volume XII, Madrid.
- ARÓSTEGUI, Julio (1993), *La investigación histórica: teoría y método*, Barcelona, Crítica.
- CARDOSO, João Luís (1992), “A Lapa do Bugio”, *Setúbal Arqueológica*, Vol. IX-X, Setúbal, ADS, p.89-225.
- CERDÁN, C., LEISNER, G. e LEISNER, V. (1952), *Los sepulcros megalíticos de Huelva*, Informes Y Memorias de la Comisaría de Excavaciones Arqueológica, 26, Madrid.
- FRANÇA, J.C. e VEIGA FERREIRA, O. (1959), “Algumas considerações sobre os chamados “Ídolos Almerienses” da Península de Lisboa”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 17, Porto, p.451-456.
- GONÇALVES, Victor dos Santos (1970), “Sobre o Neolítico na Península de Setúbal”, *Actas das primeiras jornadas arqueológicas*, Voue 1, Lisboa, AAP, p.405-421.
- GONÇALVES, Victor dos Santos (1992), *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*, Cadernos da Uniarq, 2 Lisboa, INIC.
- GONÇALVES, Victor dos Santos (1995), *Sítios, “Horizontes” e Artefactos*, Cascais, C.M.C..
- GONÇALVES, Victor dos Santos (2004), “Manifestações do sagrado na Pré-História Recente do ocidente peninsular. 5. O explícito e o implícito. Breve dissertação invocando os limites fluidos do figurativo, a propósito do significado das placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e.”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Volume 7, nº1, Lisboa, IPA, p.165-183.
- GONÇALVES, Victor dos Santos (2006), “Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 8. Sete placas de xisto gravadas (e algumas outras a propósito)”, *O Arqueólogo Português*, Série IV, 24, p.167-321.
- LEISNER, Vera (1965), *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen.*, Berlin, Walter de Gruyter & Co.
- LEISNER, Vera e LEISNER, Georg (1985), *Antas doconcelho de Reguengos de Monsaraz*, Lisboa, INIC.
- LINARES CATELA, José Antonio e GARCIA SANJUÁN, L. (2010), “Contribuciones a la cronología absoluta del megalitismo andaluz. Nuevas fechas radiocarbónicas de sitios megalíticos del Andévalo Oriental (Huelva)”, *Menga. Revista de Prehistoria de Andalucía*, nº 1, p.135-150.
- MATA, E., FERNÁNDEZ, J. e CARO, J.L. (2011), “Figurinha em xisto procedente del relleno del foso 1 del complejo arqueológico dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz)”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 7, NIA-ERA, p.19-21.
- PIÑÓN VARELA, Fernando (2004), *El horizonte cultural megalítico en el área de Huelva*, Arqueología Monografías, Sevilla, Junta de Andalucía.
- SHEE TWOHIG, E. (1981), *The megalithic art of Western Europe*, Oxford, Clarendon Press.

VALERA, António Carlos (2000), "Pensar o tempo: critérios para uma periodização da Pré-História Recente da Bacia Interior do Mondago", *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. Pré-História Recente da Península Ibérica*, Porto, ADECAP, p.147-160.

VALERA, A.C., SILVA, A.M. e MÁRQUEZ ROMERO, J.E. (no prelo), "A temporalidade dos recintos dos Perdigões: cronologia absoluta de estruturas e práticas", *Comunicação apresentada ao VI Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Villa Franca de Barros (Outubro de 2012).